

O CAUBÓI DOS VIKINGS

Ruth Senter

Quando é que um trabalho se torna mais importante do que as pessoas que você mais ama? Essa é uma pergunta que frequentemente, faço a mim mesma; e, de um modo inesperado, encontrei a resposta.

Seu chapéu de vaqueiro ia abrindo caminho na partida do voo 721, em St. Louis. Aquele homem, muito alto, veio andando pelo corredor do avião, acomodou sua maleta de couro legítimo no compartimento superior e sentou-se a meu lado. Via-se que não era um caubói comum.

Ele era tão frio e masculino como qualquer homem que faz um comercial de colônia pós-barba, que conhece bem seu texto e influencia todos ao redor. Eu me afundei em minha revista de bordo e tentei não prestar atenção nele. Aquele caubói com um ego duas vezes maior que seu chapéu não me fascinava. Eu não estava disposta a admirar seu jeito de ser.

- É um bom artigo? - perguntou-me em alta voz.

- Hã-hã.

- Já ouviu falar do Minnesota Vikings? Eu jogo futebol americano nesse time.

Havia algo estranho em seu tom de voz. Senti que ele tinha mais coisas para dizer. Fechei a revista e comecei a ouvi-lo. Ele deu uma rápida olhada pelo corredor e, depois, para mim. Ninguém estava nos olhando. Ele parou de simular o papel que representava.

- Garoto de ouro. Já era.

Ele moveu seu dedão para baixo, como um sinal negativo, e eu pude ver um anel da Liga Nacional de Futebol Americano.

- Está vendo estes olhos? Estão vermelhos de tanto chorar.

Acabo de deixar minha esposa e meus dois filhos. Eles não me querem; me chutaram de minha própria casa. Ninguém acha que um jogador de futebol americano chora, não é?

Enquanto voávamos para Chicago, ele desabafou todos seus sonhos destruídos. Muito trabalho, horários irregulares, mudanças frequentes, sempre com a desculpa de que algum dia ele e a esposa teriam tempo um para o outro. Mas esse dia não chegou.

- Sabe, meu trabalho servia somente para satisfazer meu próprio ego. Depois de certo tempo, tornou-se tudo para mim.

Nem conseguia ouvir o que minha família tinha a me dizer. Você escreve artigos. Diga a seus leitores que, quando o trabalho deixa alguém surdo para a família, é hora de parar. Pode mencionar que fui eu quem disse isso. Devia ter percebido essas coisas antes.

Desembarcamos no terminal da United Airlines e, mesmo com o congestionamento na esteira E, ele não parou de falar.

- Você tem sua família - disse. - Agarre-se a ela, pois é o que você tem de mais valioso. O mundo fica vazio sem ela. Eu deveria ter percebido isso antes.

Tirou o chapéu de vaqueiro e entrou na limusine que o esperava para levá-lo até o centro de Chicago.

Amanhã, pensei, ele estará novamente correndo para marcar pontos no jogo.

- Diga a seus leitores - ele me pediu - que, quando o trabalho o deixa surdo para a família, é hora de parar.

Eu prometi a ele que o faria.